

REVISITANDO O FOLCLORE SUL-MATO-GROSSENSE ATRAVÉS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Denise Kasiorowski Bachega¹

RESUMO: Nosso objetivo nesse artigo é discutir algumas questões teóricas e analíticas sobre Lingüística e Sociolingüística aplicando-as na dinâmica de aspectos folclóricos do Estado de Mato Grosso do Sul. O material analisado constitui de uma música que faz parte do CD do Grupo Sarandi Pantaneiro da Universidade Federal de Mato grosso do Sul, cujo objetivo é desenvolver um trabalho fundamental de resgate, preservação e divulgação da cultura popular do nosso Estado. A relevância do estudo se comprova por meio de uma análise sociolingüística, onde intensificamos nosso enfoque com a finalidade de observar alguns elementos lingüísticos da nossa região, até mesmo como forma de valorização das nossas raízes, ressaltando as variações lingüísticas uma vez que a amostra selecionada nos possibilita e nos oferece condições para tal intento.

Palavras-chave: Sociolingüística. Folclore Sul-mato-grossense. Linguagem.

LÍNGUA, LINGUAGEM E SOCIEDADE

Linguagem e sociedade estão interligadas entre si. Podemos dizer que é a constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, haja vista, que esse recurso, é uma das estratégias mais poderosa que uma nação pode ter a seu benefício e, se bem conduzida, pode transformar um império, da mesma forma como aconteceu com os povos romanos.

Antes de considerar aspectos que envolvem linguagem, comunicação e sociedade, é pertinente estabelecer algumas distinções entre língua e linguagem. A língua é um dos códigos que permitem a comunicação, é um sistema de signos e suas combinações. Linguagem é, segundo Mattoso Câmara (2000, p. 47): “a faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua”.

A língua é uma instituição social, e ela pertence a todos indivíduos que comungam de uma mesma comunidade, apresenta caráter abstrato, uma vez que é constituída por códigos; um sistema de signos, porém se realiza por meio dos atos de fala. Contribuindo com o nosso raciocínio citamos o “pai do estruturalismo e da lingüística”, que tece seus comentários e nos ensina que:

¹ Especialista em Ciências da Linguagem pela UEMS –Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Professora da Unes – Unidade de Nova Andradina.
E-mail: denise.pge@bol.com.br

a fala é um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

A SOCIOLINGÜÍSTICA

A Lingüística é o estudo científico de uma Língua, ela foi difundida particularmente na década de 60. A Sociolingüística é uma área da Lingüística que é voltada especialmente para as questões que envolvem a linguagem e a sociedade. O termo coincide, até certo ponto, com os estudos da etnolingüística e da lingüística antropológica. Entretanto, o termo Sociolingüística, relativo a um ramo da Lingüística, fixou-se em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos ligados às questões que envolviam sociedade e linguagem. Segundo Bright (1974, p. 17), “a tarefa da sociolingüística é portanto, demonstrar a co-variação sistemática das variações lingüística e social e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção”, ou seja, o objeto de estudo da sociolingüística entre outros aspectos é a apreciação sistematizada da diversidade lingüística de uma comunidade, que pode ser compreendido como o estudo da língua falada, observada, descrita, e analisada em contexto social, isto é, em situações reais de uso. A diversidade lingüística abarca algumas dimensões que estão diretamente relacionadas com: a identidade social do emissor, ou falante, que pode ser demonstrada pelos “dialetos de classe” em que as diferenças de fala se relacionam com a estratificação social; a identidade social do receptor, ou ouvinte é relevante sempre que forem empregados vocábulos especiais de respeito utilizados em se falando com superiores; a terceira dimensão está condicionada ao contexto, corresponde a todos os elementos possivelmente relevantes no ambiente da comunidade.

Segundo a sociolingüística francesa existem ainda três espécies de variações extralingüísticas que podem ocorrer no diálogo, quais sejam: geográficas, sociológicas e contextuais. As variações ocorrem, sobretudo, porque desde os tempos mais distantes as línguas não são uniformes, assim apresentam variações de acordo com o ambiente, a cultura, a época e a classe social a que pertencem os falantes. Esse caráter dinâmico da

língua nos faz recordar um quadro esquemático onde o pesquisador Dino Pretti (2000, p. 24) ilustra no seu livro Sociolinguística os níveis de fala, como uma comunidade lingüística se comporta perante as variações geográficas/diatópicas e socioculturais/diastráticas. Para o estudioso essas variedades ocorrem da seguinte maneira (idem, p. 24):

num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades lingüísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos do falares locais; as variedades socioculturais ou diastráticas, ocorreriam num plano vertical, isto é, dentro da linguagem de uma comunidade específica (urbana ou rural).

No fenômeno lingüístico pode ocorrer, ainda, as variações diafásicas, que correspondem às variações situacionais, ou seja, ora formalidade, ora informalidade, existem também as variações que enfocam os arcaísmos e neologismos, as chamadas variações diacrônicas.

Os sociolinguístas estudam questões como a identidade lingüística dos grupos sociais, as atitudes sociais em relação às formas consideradas padrão e não-padrão da língua, por isso que a Sociolinguística considera a linguagem estigmatizada não como um erro mas sim como uma modalidade de fala “diferente”, muito distante daquela que a escola tenta ensinar para seus alunos. Marcos Bagno (2001, p. 27) é um escritor que critica veementemente o preconceito lingüístico na alfabetização, segundo seu pensamento “ao estabelecer uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que as demais variedades que são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”...”, a norma-padrão passa a ser modelo de originalidade e a única representante legítima e legal dos falantes. Porém, a história do português-padrão é mais uma questão política e econômica do que uma questão lingüística. Segundo Bagno (idem, p. 26), essa história transcorreu da seguinte forma:

No Brasil, a colonização começou pelo Nordeste, e é nesta região que se encontram as cidades mais antigas do país: Salvador, Olinda, Recife. A cultura da cana-de-açúcar fez desta região, durante algum tempo, o centro político, cultural e administrativo do Brasil. Mas a descoberta do ouro em Minas Gerais provocou a transferência da capital da Colônia para o Rio de Janeiro, em 1763, por ser o porto mais próximo para a remessa do ouro a Europa. Assim, o Rio assumiu o primeiro lugar em importância econômica, política e conseqüentemente cultural.

No século XX, com a crescente modernização e industrialização de São Paulo esta cidade começou a compartilhar da mesma importância econômica que a cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, adotando como paradigma a forma linguística falada e considerada como classe social privilegiada e modelo do português-padrão do Brasil, exercida pelo o triângulo formado pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Conseqüentemente, as demais variedades de outras cidades que não faziam parte deste rol, por exemplo, a nordestina, era considerada para os padrões vigentes, como pobre e culturalmente desprestigiada para não denominá-las como: “engraçada”, “pitoresca”, “grosseira” e “errada”, principalmente pelos falantes das variedades sudestinas.

ANÁLISE DA MÚSICA ENGENHO DE MAROMBA

Ao ouvirmos uma canção, abrimos nossa percepção para os diversos elementos que a compõem, como, por exemplo: a melodia, o ritmo, a harmonia, quais e como os instrumentos são usados (o arranjo ou orquestração), o uso da voz pelo cantor ou cantores que a interpretam, a letra da música, a sonoridade das palavras. Apesar de sentirmos a canção como um texto único, ela é, como a própria palavra “texto” sugere, o entrelaçamento de diversos fios condutores (a melodia, o ritmo, a letra, etc.), correspondendo cada um desses fios àquilo que chama de ‘instância’ da canção. A esse tipo de texto essencialmente complexo pela simultaneidade e hibridismo dos meios que participam da construção do seu discurso, dá-se o nome de texto sincrético, sendo, portanto, a música, um texto sincrético por se utilizar da palavra e da música, e um texto sincrético em que uma das suas instâncias, a musical, requer um tipo de percepção que a subdivide em outras instância (melódica, harmônica, rítmica, etc.) para que seja analisada com um mínimo de profundidade e propriedade. Se utilizarmos a proposta do lingüista dinamarquês Louis Hjelmslev de que cada texto possui um plano de expressão – o meio pelo qual se dá a comunicação – e um plano do conteúdo – aquilo que é comunicado -, encontraremos no plano de expressão da canção, ao menos duas perspectivas a serem iluminadas: a verbal e a musical. No caso da canção, distinguimos ao menos dois planos, o verbal e o musical. Tal proposição, no entanto, foge aos objetivos do presente artigo. O que nos propomos a fazer aqui será apenas aplicar a teoria sociolingüística em reflexões sobre aspectos folclóricos sul-mato-grossense.

Sendo nosso propósito revisitar o folclore sul-mato-grossense aplicando os conhecimentos da Sociolingüística na análise de elementos culturais do nosso estado, analisaremos uma música parte integrante do CD do Grupo Sarandi Pantaneiro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, (faixa: 11 – Engenho de Maromba 3:36 – Recolhida por Marlei Cunha), demonstrando algumas questões sociolingüísticas no material selecionado.

Para tanto, apresentamos o texto musical referenciado anteriormente

Engenho de maromba (DP)

O engenho de maromba,
Muito tempo que não *mói*.
A *zoada* deste *engenho*,
até hoje ainda me dói.
Você diz que nunca viu,
o meu engenho moer.
Quem dirá se você vê
Aquela serra *geme*.

Você diz que bala mata,
Bala não mata ninguém.
A bala que me mata,
é o desprezo do meu bem.

Viola de cinco cordas,
Bem podia ser de seis.
O amor que já foi meu,
Bem podia ser *traveis*

Quem quiser que vai e vem,
manda varrer a estrada.
Pra tirar pedra *miúda*
e o sereno da madrugada.

Amanhã eu vou embora,
Segunda-feira que vem.
Quem não me conhece chora,
que dirá quem me quer bem.

Alecrim de beira d'água
não se corta com machado
só se corta com o *canivete*
no *borsu* do namorado.

Segundo relatos históricos, os colonizadores portugueses que chegaram em Minas Gerais com a extração do ouro num período escasso, seguiram em direção ao centro-oeste alimentando o sonho de criar gado nas regiões do cerrado. Eles influenciaram fortemente a nossa música, dança e cultura, principalmente nas cidades de: Três Lagoas, Aparecida do Taboado, Cassilândia, Inocência e Costa Rica. A música e dança ganharam variantes de acordo com a conveniência dos ritmos e culturas trazidas pelos migrantes. Essas danças aconteciam durante as reuniões para comemorar o plantio, onde sertanejos faziam uma espécie de multirão para uns ajudar aos outros nas derrubadas, nas festas de casamento e também em terços de louvor aos santos de devoção.

O Engenho de maromba representa um canto de despedida reclamando um novo encontro. Neste momento os cavalos estão enfileirados aguardando a partida, a dança que acompanha o canto imita um engenho de cana, a fileira de homens se cruza com as mulheres produzindo uma evolução em círculo. Os versos são cantados improvisados ou decorados.

Salientamos que para conhecimento e melhor apreciação do trabalho seria pertinente ouvir a faixa a qual aludimos no nosso trabalho, porque por meio deste ato poderemos levantar todos os elementos fônicos, ritmos e prosódicos. Examinando o corpus e fazendo uma análise sociolingüística, mesmo superficial, ao ouvirmos o material, constatamos que a pessoa que canta a música é um sertanejo, pela entonação vocal uma pessoa idosa, um elemento que pode sustentar o nosso raciocínio é o fato que o trabalho levantado pela universidade fez as verificações in loco o que nos dá embasamento para sustentar tal afirmação, ao se resgatar essas vozes anônimas, teve-se o cuidado de manter a sua originalidade por ser uma arte da cultura popular.

Constatamos também que o ambiente onde o personagem vive é uma sociedade rural, pois toda ambientação cenográfica é constituída com elementos que fazem parte de uma comunidade caipira, agreste e rudimentar.

O próprio título da música por si só nos remete a uma circunferência bucólica, que por meio de um engenho não de ferro, mas sim de pessoas “chora” um novo encontro para compartilhar dos mesmos “causos” e experiências de uma comunidade formada por matutos. Visualizamos a presença de um vocabulário típico de uma pessoa sem alfabetização que revela por meio da sua fala a supressão do (r), elemento característico de uma fala estigmatizada, rude e caipira. Pode-se perceber que o repertório lingüístico é constituído por vocábulos restrito a uma comunidade rural como: zoada, mói, viola, miúda, engenho, canivete, traveis etc.

A melodia da canção costura o componente lingüístico como se quisesse bordar a vida, os costumes, as tradições passadas na vida presente, como se não fosse possível a existência de um sem o outro. E será que isso é possível! Será que a letra dessa canção, caso fosse publicada como poema em um livro, alcançaria o sucesso editorial! Será que sua melodia, caso fosse gravada de maneira instrumental, alcançaria esse sucesso! Podemos afirmar com certeza que não! Todavia, a conjunção da coloquialidade da fala com uma simplicidade harmônica-melódica resultou num grande fenômeno da indústria fonográfica sul-mato-grossense. Mistério! Sim! Novidade! Não! Outros cancionistas brasileiros já nos deram demonstração do poder dessa linguagem sincrética, que é a música. Por isso surgem cada vez mais pesquisadores preocupados com a canção popular. Ela não é poesia e também não é música. É uma linguagem construída recentemente, que hoje se configura como um dos objetos da arte brasileira de maior complexidade e valor. Um dos objetivos da sociolingüística é a de apreender, na medida do possível, os aspectos sociais e culturais que emergem da sua criação. Tentamos por meio deste recorte fazer uma sucinta análise sociolingüística, pois compreendemos que o material nos dava subsídios para tal natureza.

Referências Bibliográficas

BARUFI, Helder. Metodologia científica. Orientações metodológicas para a elaboração da monografia. 4 ed. dourados. Hbedit.

BAGNO. Marcos. A Língua de Eulália – Novela Sociolingüística. 11 ed. São Paulo:

Contexto. 2001

BRIGHT, William. As dimensões da sociolingüística. In: FONSECA. M. S. e NEVES. M. F. Sociolingüística. RJ: Eldorado. 1974. p. 17-23.

BASTOS, Lilia da Rocha. A estrutura do artigo. 4 ed. Rio de Janeiro. LTC, 2006.

PRETTI .Dino. Sociolingüística os níveis de fala. 9 ed. São Paulo: Edusp. 2000.

CD – Sarandi Pantaneiro – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – faixa nº 11 – 2001.